

ENTREVISTA A REVISTA LEIA - Janeiro/1991

Talvez fosse interessante começar essa conversa entre nós deixando claro a seus prováveis leitores que nenhuma ou nenhum dos que hoje fazemos a Secretaria Municipal de Educação, assumiu a responsabilidade de conduzi-la, na gestão de Luiza Erundina, pensando resolver todos os problemas que lhe são postos do ponto de vista da quantidade como do da qualidade da educação. Mas, de uma coisa estávamos certos ontem, de que continuamos convencidos hoje: teríamos que nos entregar apaixonadamente à invenção e à reinvenção de caminhos com que pudéssemos encurtar as distâncias entre os nossos sonhos e a sua materialização.

Inquietava-nos a constatação que fizéramos ao chegar à Secretaria, de que trezentas e noventa escolas, aproximadamente, das seiscentas e cinquenta e poucas da Rede, se achavam à espera de urgentíssimas reformas, há muito tempo solicitadas por suas diretoras. De muitas dessas diretoras escutei reclamações em tom de total descrença, salpicadas de justa indignação pelo descaso com que era tratada a coisa pública. Mas este era apenas um sub-capítulo de um dos capítulos de problemas a enfrentar e referidos antes - o da quantidade da educação. O sub-capítulo da manutenção física das escolas da Rede. O outro lado deste capítulo é o da construção de novas escolas com que, atendendo-se à demanda - quantidade da educação - se pode caminhar no sentido de um dos aspectos de sua democratização.

Na verdade, passando pelo atendimento à demanda com o qual se vai zerando o deficit da quantidade, a democratização da educação exige a mudança de sua qualidade, no sentido da superação de seu elitismo e de seu autoritarismo, da superação das relações verticais entre educadoras e educandos para viver-se uma compreensão e uma prática docentes diferentes.

A escola pública popular com que sonhamos exige de nós algo mais do que fazer a escola autoritária que está aí mais eficaz na "transferência" dos conteúdos aos educandos. Exige sua radical democratização. A participação livre e criadora de professores, dirigentes, especialistas, alunos, zeladores, vigias, merendeiras, pais e mães, vizinhos, na sua vida, no seu presente, no seu futuro. Nada disto, pode dar-se sem a gestão democrática. Experimentada com a sabedoria de quem jamais age apenas impacientemente ou só pacientemente, mas com a sabedoria de quem o faz pacientemente paciente, a gestão democrática contribuirá para a necessária e ainda não alcançada autonomia da escola que, reconhecemos, não nasce por acaso nem por decreto mas amadurece num processo.

Ao tocar neste ponto, vou direto à sua pergunta. O conselho de escola, como expressão da gestão democrática, teria necessariamente que ter provocado reações polêmicas em

nossa administração. É este o ponto que escolho para responder à sua pergunta.

Se se considera, porém, a formação autoritária de nossa sociedade, o mandonismo entre nós, a política de troca de favores nas suas mais variadas versões, não será de estranhar que a experiência dos Conselhos de Escola tenha provocado e continue a provocar discussões polêmicas mas frutíferas e necessárias.

A própria história destes Conselhos na Rede revela o autoritarismo de nossa formação. Criados no ou nos últimos momentos do Governo Covas, foram "arquivados" na administração autoritária de Quadros...

2- Esta não é uma pergunta fácil de ser respondida. Não creio que possamos ser categóricos, mas acredito que o clima de liberdade, de criatividade, de respeito às diferenças que tentamos viver, animará o espírito de busca e de rebeldia de educadoras e educadores da Rede em face de qualquer tentativa de silêncio que pretendam novamente editar.

O esforço que vimos realizando no sentido de mudar a "cara" da escola é exemplar como testemunho que damos de nossa recusa, de um lado, às formas manipuladoras ou autoritárias, umas e outras obstaculizadoras de nosso tão precisado crescimento democrático.

Aposto muito no gosto da aventura de sonhar, de pensar certo ou criticamente, de criar, de dizer não ao arbítrio. Este é o testemunho que temos procurado dar, nem sempre tão bem quanto gostaríamos.

Quanto mais demonstramos às educadoras-diretoras, especialistas, não importa, bem como aos chamados operacionais, que acreditamos que são capazes de fazer, de criar, de aventurar-se, tanto mais estaremos criando possíveis futuras resistências à negação destes valores. Vejamos.

3- A SME tem uma sistemática de avaliação de toda a sua política. Esta é desenvolvida em todas as instâncias da Secretaria, anualmente, envolvendo todos os profissionais. Com esta avaliação se planeja o ano seguinte.

No momento, está em curso um trabalho de pesquisa em torno dos Conselhos de Escola.

4- A SME atende diretamente deficientes auditivos em (5) cinco escolas especializadas. Nesta gestão o atendimento foi ampliado em 57.37% (número de vagas). A rede municipal de ensino inicia, nesta administração, o atendimento a crianças com menos de quatro anos, visando à estimulação precoce, e a assistência a adultos portadores de deficiência auditiva. Estão em processo vários convênios entre entidades e a SME para o atendimento aos deficientes físicos e mentais (AACO-APAE-Sociedade Pestalozzi; Fundação pra o Livro do Cego; Fundação Antonio Prudente).

Há um trabalho de formação permanente para os professores, coordenadores e diretores destas escolas,

integrado ao programa de formação permanente dos educadores da SME.

5- Antes mesmo de tomarmos posse como secretários de educação das diferentes administrações petistas do Estado de São Paulo, alguns de nós nos encontramos e discutimos a possibilidade de, vez ou outra, nos reunirmos para trocar experiências. Para aprender com a aprendizagem uns dos outros.

Em março ou abril de 1989 demos início aos encontros que, em seguida, sob a coordenação de um companheiro da Direção Nacional do P.T. se estenderam aos Secretários de Educação de administrações petistas do país.

Ainda que menos sistematicamente do que gostaríamos estes encontros - sobretudo os estaduais - continuam a realizar-se.

Como resultados altamente positivos destas reuniões creio que poderia arrolar: o intercambio de materiais produzidos - textos, relatórios - o encontro de equipes específicas - principalmente de educação infantil, mas também de equipes trabalhando no campo da alfabetização de adultos e no da educação popular em geral.

Talvez fosse interessante, aproveitando sua pergunta, chamar a atenção para a curiosidade que educadores europeus, norte-americanos e latino-americanos têm revelado pelo trabalho que vimos realizando em São Paulo.

Some-se ainda o interesse de Redes de Televisão que, em função do ano internacional da Alfabetização e do que vem o MDVA - São Paulo desenvolvendo entre nós, mandaram a São Paulo no ano passado equipes nos entrevistar. Assim, dei entrevistas à TV Japonesa, à TV Canadense e à Inglesa.

6- Na verdade, o que mais me impactou quando assumi a SME há dois anos passados foi o deplorável estado físico - a que já fiz referência - em que encontrei mais da metade da rede municipal. Cheguei a fazer vídeos às minhas custas, daquelas escolas arruinadas, desrespeitadas, ameaçando a vida das crianças, das educadoras e das demais pessoas que nelas trabalhavam.

Olhando seus tetos furados, seus pisos deteriorados, quase sempre inundados pelas águas das chuvas; sua fiação desnuda, suas carteiras escolares amontoadas e arrebitadas como se fossem madeira seca para fogueiras de São João; ouvindo o relato desesperançado e aflito das diretoras, cujas súplicas não haviam emocionado as autoridades, eu me dizia a mim mesmo, com tristeza e dor - somos um país de inaugurações festivas mas não de preservação do que se inaugura.

7- Não me arrependo de ter aceito o convite de Luiza Erundina, minha amiga, excelente amiga, para assumir a S.M.E.

Tenho aprendido ao longo destes dois anos, com os companheiros com quem trabalho, com o trabalho mesmo, com a

briga para materializar os sonhos possíveis, com Erundina, nos despachos com ela, na direção das reuniões do Secretariado, com meus companheiros de Governo, com a Rede, com as diferentes instâncias de poder da Secretaria. Tenho aprendido às vezes de quem nem sequer suspeita que me ensina.

Tenho vivido contente, apesar de um sem número, também, de desencontros. E haverá encontros sem desencontros?

Isto não significa, porém, que não sinta um forte desejo, uma precisão quase incontida, de voltar, sem mais demora, ao convívio de meus livros, a meus projetos de leitura, de escrita.

Sim, é verdade. A administração da coisa pública realizada numa certa perspectiva é mais difícil do que eu pensava. Difícil no sentido de penosa.

8- Não sei se serei capaz, quando fizer o caminho de volta, de pôr no papel, com clareza, as contribuições que esta experiência me vem dando. Posso dizer, sem medo de errar, que sua importância para mim é tão grande quanto a de outros momentos de minha vida, não importa que totalmente diferentes, como o do exílio - um tempo de sofrimento, de alegria e de intensa aprendizagem.

Paulo Freire